

Ano 2008  
n.º

5

# EBVROBRIGA

História . Arqueologia . Património . Museologia

Revista do Museu Arqueológico Municipal  
José Monteiro  
do Fundão



José d’Encarnação \*

Detém a revista *Eburobriga* esse nome, porque – tal como explicitou o seu director, Manuel Frexes, na «Nota de Apresentação» do nº 1 (2004, p. 3) – «resulta de um texto constante duma ara lusitano-romana, identificada e estudada por historiadores da autarquia fundanense no ano transacto». «Tal monumento», prosseguia, «dedicado às conhecidas divindades indígenas Arância e Arâncio, revelou-nos a existência de um povoado pré-romano nas cercanias da actual Freguesia do Castelejo, exactamente com o topónimo “Eburóbriga”». Daí que, «depois de várias consultas», tenha sido esse o nome que «maior representatividade colhia junto do espírito que assiste à publicação».

A referida ara<sup>1</sup> fora mandada lavrar por uma devota ainda identificada à maneira indígena (nome único mais patronímico); mas já se encontram presentes no seu nome e no do pai indícios de uma aculturação, pois se designa *Procula*, filha de *Albinus*, ambos nomes latinos<sup>2</sup>, de grande tradição o da dedicante, com um significado concreto («o de tez branca», «albino») o do pai, como era hábito nos primeiros tempos da chamada ‘romanização’. Trata-se, na verdade, de nomes assaz frequentes na antroponímia referida nas epígrafes da Lusitânia: cerca de 30 testemunhos de *Albinus* e de 60 os de *Proculus* (este com bastante incidência na zona da actual Beira Interior e na capital da Lusitânia, Mérida).<sup>3</sup>

Não oferecem dúvidas de leitura – apesar da necessidade de se reconstituírem algumas das letras – os teónimos registados nesse altar de granito de grão fino: *Arantiae et Arantio Eburobricis*, «a Arância e Arâncio Eburóbrigos»<sup>4</sup>.

Consideram os autores do estudo que estamos perante um «par divino» e que o epíteto *Eburobricis* se apresenta, «contra o que é habitual», na sua forma plural, «concordando, portanto, com os dois teónimos». Reflectem, depois, acerca do significado deste adjectivo, onde, afirmam, «pode facilmente reconhecer-se mais um nome de formação idêntica a um conjunto

1 - Ver SALVADO (Pedro), ROSA (João Mendes) e GUERRA (Amílcar), «Um monumento votivo a Arância e Arâncio, proveniente de Castelejo (concelho do Fundão)», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7 (2) 2004 237-242. Referido in *L’Année Épigraphique* (=AE) 2004 721.

2 - Cf. KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 176-177 (*Proculus*) e 227 (*Albinus*).

3 - Cf. Milagros NAVARRO CABALLERO e José Luis RAMÍREZ SÁDABA (coord.), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, s. v. *Albinus* (p. 79 e mapa 9) e *Proculus* (p. 272-273 e mapa 247).

4 - O teónimo surge também com a grafia *Arentius* e não é a primeira vez que vem mencionado no masculino e no feminino: cf., por exemplo, ENCARNAÇÃO (José d’), *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1975, p. 97-108.

onomástico significativo, onde dominam precisamente os derivados teonímicos como *Caeilobricoi*, *Meobricoe*, *Langobricu*, *Verubrico*, *Veigebreaego*, *Tameobrigo*». O epíteto derivaria, pois, de «\**Eburobris*, composto em que se identifica o primeiro elemento \**eburo*, “teixo”», relacionável com os topónimos *Ebora* e *Eburobrittium*<sup>5</sup>, sendo o segundo elemento «o conhecido formante de topónimos \**brig-*, “elevação, castro”». Desta sorte, concluem, «a inscrição poderá indiciar a existência na área da actual freguesia de um povoado [...] cujo nome seria, portanto, \**Eburobris* ou \**Eburobriga*, na sua versão latina».<sup>6</sup>

Concordo inteiramente não só com a leitura como com a interpretação, ainda que, como venho afirmando, não veja aí um «par divino», mas sim um só deus venerado na sua vertente feminina e masculina.<sup>7</sup>

Por conseguinte, temos a referência a um aglomerado populacional, do jeito de *Conimbriga*, *Talabriga*, *Caetobriga* e tantas outras cidades, onde se reconhece, como Amílcar Guerra bem salientou, a existência de «topónimos de cariz misto, por um lado seguindo tradições locais, mas, ao mesmo tempo, adaptados a nova situação», circunstância ilustrada, «por exemplo, pelos bem conhecidos compostos em *-briga*, cujo primeiro elemento respeita, com frequência, a antropónimos romanos».<sup>8</sup> Ou seja, não há dúvidas de que *Eburobriga* poderá ser chamada, com toda a propriedade, «a cidade do teixo», uma vez que este nome, como o próprio Amílcar Guerra explicita na sua dissertação de doutoramento,<sup>9</sup> «representaria uma base *Eburo-*, muito difundida no âmbito da onomástica de origem celta, tomada geralmente como um dos elementos característicos do celtismo nas línguas peninsulares» e «está representado no gaul. *eburos* ‘teixo’, que remontaria a uma raiz \**ereb(h)*, \**orob(h)* ‘vermelho, escuro, castanho’, tendo-se dado a síncope do *-r-* nas línguas celtas, bem como no lígure, germânico e albanês».<sup>10</sup>

5 - *Eburobrittium* foi localizada por José Beleza Moreira junto a Óbidos: vide MOREIRA (José Beleza), *A Cidade Romana de Eburobrittium – Óbidos*, Porto, 2002. Indique-se, a talhe de foice, que acaba de ser encontrada em Viseu uma epígrafe, inédita, onde se refere uma *Placida* que vem claramente identificada como *Eburobrittensis*.

6 - A propósito do antropónimo *Eburianus*, afirma M<sup>a</sup> Lourdes Albertos Firmat (in *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania, Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, p. 111) que ele se baseia num «radical muy extendido en la onomástica personal y toponimia celta», acrescentando: «Este radical tiene que ver con el sustantivo galo *eburos* ‘tejo, ciprés’».

7 - Cf. o que sobre esse tema tive ocasião de escrever em 2002 – ENCARNAÇÃO (José d’), «O sexo dos deuses romanos», *Scripta Antiqua*, Valladolid, 2002, p. 517-525 –, artigo que reproduzi a p. 133-144 de *Epigrafia – As Pedras que Falam*, Coimbra, 2006.

8 - GUERRA (Amílcar), «*Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7 (2) 2004 217-235 (p. 217-218).

9 - GUERRA (Amílcar), *Nomes Pré-romanos de Povos e Lugares do Ocidente Peninsular*, Dissertação de Doutoramento, inédita, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998, p. 432.

10 - Vem a propósito referir que Teixoso é o nome duma vila próxima, pertencente ao vizinho concelho da Covilhã. Reflexo, certamente, da abundância de teixos na região.

## O teixo

Importa, pois, chegados a este ponto, interrogarmo-nos acerca da importância que poderia ter desempenhado esta árvore no seio das comunidades pré-romanas da Península, para que a sua existência desse origem a topónimos. Era abundante, quicá; mas... seria esse um motivo suficiente? Não há que procurar algo de mais ligado à vida das próprias populações? Ou seja: que papel atribuir ao teixo?

Julián de Francisco Martín e Marta González Herrero, da Universidade de Oviedo, tiveram ensejo de publicar, a meu pedido, um artigo sobre esta árvore, em que dão cabalmente a resposta à questão<sup>11</sup>. A propósito do costume arraigado nos povos do Norte da Península Ibérica (Galaicos, Cântabros e Ástures) de preferirem morrer a ficar prisioneiros, citam, v. g., Floro (*Epitomae*, II, 33):

«Se suicidaron apuñalándose, arrojándose al fuego o envenenándose con un producto que sin excesivo trabajo extraen del tejo en su tierra; de esta forma, una buena parte de ellos se libró de la esclavitud a la que consideran peor que la muerte».

«Envenenando-se com um produto que, sem dificuldade, extraem do teixo, na sua terra»; o que equivale a dizer que o teixo assumia, então, um papel preponderante.<sup>12</sup> E hoje?

O meu muito prezado colega da Universidade de Coimbra, Prof. Jorge Paiva, botânico, defensor, como poucos, da biodiversidade vegetal, única forma de mais facilmente a Humanidade sobreviver, não se tem poupado a esforços para dar a conhecer espécies raras e importantes. Assim, em artigo publicado no jornal *Público*, a 26 de Abril de 1994, intitulado «Ambiente e fundamentalismo», escreveu, a dado passo:

«Ainda há bem pouco tempo me perguntaram onde havia teixo (*Taxus baccata* L.) em Portugal, pois descobriu-se que o taxol, um produto extraído dessa bela árvore, é utilizado no tratamento de certos tipos de tumores malignos. O teixo é uma árvore já muito rara em Portugal, e, portanto, eu nunca disse onde encontrá-la. Felizmente para o teixo, investigadores californianos (Estados Unidos) conseguiram, no início deste ano, sintetizar laboratorialmente o taxol, que era extraído das folhas e casca do teixo.

Na verdade, se o teixo já tivesse sido eliminado pelos fundamentalistas económicos, aquele potente produto anticanceroso não teria sido descoberto».

Ao teixo e à sua importância patrimonial, do ponto de vista botânico, dedicou o professor o seu habitual e combativo cartão de Boas Festas de 1997, onde, sob o título «Dendrodiversidade e Natal - Um fim das árvo-

11 - Francisco Martín (Julián de) e González Herrero (Marta), «*Taxus bacata*», *Conimbriga* 43 2004 191-198.

12 - Tudo no teixo é altamente venenoso e um animal que coma as suas folhas pode morrer quase instantaneamente. Exceptua-se a parte exterior das sementes, para que, sem perigo, as aves as possam disseminar.

res nunca foi o Natal: porém, actualmente, o Natal contribui para o fim delas», explicitou:

«O teixo, sendo uma árvore muito antiga (o de Fortingall, Reino Unido, tem 4000 anos), extremamente venenosa (produz uma mistura letal de alcalóides, a taxina), de crescimento extraordinariamente lento (os adultos crescem escassos centímetros por decénio) e utilizada pela espécie humana desde tempos remotos (madeira, arcos e flechas, jardins, igrejas e cemitérios), revelou-se, recentemente, de valor inestimável. Da taxina isolou-se um produto (taxol = paclitaxel), que é uma poderosa droga no tratamento de alguns tipos de cancro (ex.: pulmão e mama), alguns dos quais anteriormente refractários à quimioterapia (ex.: cancro do ovário). Este composto é um inibidor de mitoses, por incrementar a polimerização da tubulina, com a consequente estabilização dos microtúbulos. Assim, não há proliferação das células cancerosas. Infelizmente, um teixo centenário fornece apenas 300 mg de taxol, sendo necessária a casca de 6 teixos centenários para produzir taxol suficiente para tratar um doente. Por outro lado, há cada vez menos teixos, não só porque se derrubam e não se semeiam, como também porque se caçam os dispersores das respectivas sementes [aves: digerem o arilo (comestível), mas não a semente (tóxica e letal)]».

E, em Maio de 2000, na palestra «Relevância do património biológico», que proferiu no âmbito de um curso de formação, promovido, em Lisboa, pela empresa NBF, repetiu:

«Felizmente para a sobrevivência dos teixos, químicos do Instituto de Investigação Scripps em La Jolla e da Universidade da Califórnia, em San Diego, anunciaram publicamente, em 17 de Fevereiro de 1994, ter conseguido produzir o taxol laboratorialmente, estando a ser testada clinicamente a eficácia deste taxol sintético».

Está, pois, descoberto o segredo: os estudos actuais confirmam o que, por empirismo, os antigos bem sabiam acerca das propriedades excepcionais do teixo.

Recordam Julián de Francisco e Marta González, no citado artigo, que detinha esta árvore um carácter totémico e sagrado, uma vez que - na sequência de prístina tradição - a vemos, nas Astúrias, junto a templos pré-românicos e perto dos cemitérios. Daí que tenham chamado a atenção para o facto de determinada decoração patente em epígrafes romanas não ser, em seu entender, a representação da folha da palmeira, tradicional símbolo de vitória - neste caso, sobre a morte -, mas sim a representação do teixo, também com esse significado de árvore tutelar, especial, que cura e que mata, consoante o uso, bom ou mau, que se fizer das suas folhas e da sua casca. E a palmeira não era, seguramente, árvore conhecida nessas plagas montanhosas setentrionais!...

## O teixo nos monumentos epigráficos romanos

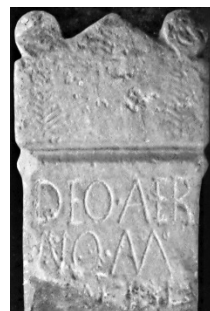
Por esse motivo, deram exemplos de epígrafes romanas onde, na verdade, bem analisado o que se vê – pese muito embora pensarmos, amiúde, que os lapicidas não pretendiam retratar fielmente a realidade e privilegiavam uma representação estilizada –, custa-nos acreditar que não houve uma clara representação da árvore que, no seu dia-a-dia, mais os impressionava, inclusive pelo seu porte.

Examinemos, pois, mais algumas dessas peças.<sup>13</sup>

### a - A divindade indígena Aernus

Numa das aras dedicadas à divindade indígena *Aernus*, venerada em Castro de Avelãs<sup>14</sup>, há uma representação vegetal.

José Leite de Vasconcelos<sup>15</sup>, ao descrever esse monumento, observa que nele se vêem «três ramos, ou talvez mais três arbustos, dispostos com simetria e em lugar proeminente, pois ocupam o frontão; no Museu de Bragança existe um cipo funerário, também proveniente de Castro de Avelãs, no qual, se vêem três ramos ou arbustos análogos, embora aqui, a julgar do desenho, pareça ver-se uma lande em cada um dos laterais: se não fosse o segundo monumento, poderíamos pensar que o primitivo culto de *Aernus* seria comparável ao de [...] *Arduinna*, deusa da floresta Arduenna, na Gália [...]», cujo nome «vem acompanhado de duas árvores; todavia, o segundo monumento leva a crer que, se os ramos ou arbustos eram simbólicos, o símbolo se referia ao culto dos mortos».



Grav. 1

Ara dedicada a Aernus, no Museu da Sociedade Martins Sarmento (Guimarães): fotografia e desenho (este, retirado das Religiões da Lusitânia, II, p. 339, fig. 81<sup>a</sup>).

Recorde-se que Patrick Le Roux, no artigo citado, reconstituiu a totalidade do monumento, pois a metade inferior foi encontrada em Castro de Avelãs.

13 - A intenção é a de, através de alguns exemplos, chamar a atenção para este tipo de decoração e seu significado. Se se folhear, por exemplo, a obra *Inscripciones Romanas de la Provincia de León*, de Francisco Diego Santos (León, 1986), poderá verificar-se que as lâminas VII, VIII, X, LXXXVIII, CLXVIII, CCIV, CCIX, CCX, CCXII e CCXXVIII mostram estelas com a representação do teixo. A lâmina CXXXVIII, que, aliás, ilustra a capa do volume, tem decoração profusa, com um círculo de rosácea hexapétala inscrita, tal como iremos encontrar numa das estelas de Braga; e a lâmina CXLI mostra uma “moldura” idêntica à de outra estela bracarense a que adiante se aludirá. A estela de *Flavia Duerta*, de Valpaços, apresenta também dois teixos no frontão semicircular, que o autor classifica como «ramos de oliveira, símbolo, talvez, da paz e da vida»: vide RODRÍGUEZ COLMENERO (Antonio), *Aquae Flaviae. I. Fuentes epigráficas da Gallaecia meridional interior*, Chaves, 1997, p. 236-237.

14 - Sobre o culto a esta divindade, podem ver-se, entre outros: ENCARNAÇÃO 1975, p. 79-85; Patrick LE ROUX, «Deus Aernus: CIL, II, 2607 = 5651 reconstitué», *Conimbriga* 31 1992 173-180; MARCOS (Domingos dos Santos), «Catálogo dos monumentos e sítios arqueológicos do planalto mirandês», *Brigantia*, 14(1-2), Jan/Jun 1994, p. 97-131 (p. 102: mera referência às duas aras); OLIVARES (Juan Carlos), «El dios Aernus y los Zoelas», *Iberia (Revista de la Antigüedad)* 5 2002 65-77; REDENTOR (Armando), *Epigrafia Romana da Região de Bragança*, Lisboa, 2002, inscrições n.ºs 1, 2 e 3, e p. 227-228; PROSPER (Blanca María), *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca, 2002, p. 283-287.

15 - *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, 2, 1989 (reimp.), p. 109.

O Abade de Baçal<sup>16</sup> compara também os referidos ornatos florais com os da lápide funerária e com os de um monumento de Cárquere e escreve: «Estes ornatos fazem lembrar o símbolo da legião romana nas suas fracções de Manípulos e Coortes» (p. 48).

Para José María Blázquez Martínez,<sup>17</sup> *Aernus* é um deus da vegetação: «Talvez os arbustos sejam o atributo da divindade, que seria protectora da vegetação; podiam ser também meramente motivos decorativos».

Em comentário a estas reflexões, observei:

«Os motivos do capitel são estilizados e, por isso, não se assemelham a palmas nem a arbustos – o que, evidentemente, não impede que tal falta de semelhança esteja relacionada com o seu simbolismo. Apresentam um tronco vertical, donde partem, simetricamente, ramos laterais que diminuem de tamanho de baixo para cima, em jeito de folha de palmeira, mas menos obliquamente e mais distanciados» (p. 84-85).

Concluía:

«A qualidade de deus da vegetação atribuída a *Aernus* não nos parece improvável: a possibilidade de comparação com a forma grega ÉRNOS (ramos, plantas, rebento) e a achega trazida por Alves<sup>18</sup> (o Senhor de Malta invocado como protector nas estiagens e chuvas), aliadas ao possível simbolismo dos ramos, parecem confirmar a hipótese. Como deus da vegetação, poderia ter igualmente qualidades de divindade funerária a que se recomendavam os mortos. O Sr. D. Fernando de Almeida opina que os ornatos florais são a representação da “Árvore da Vida”, símbolo funerário muito frequente – o que vem confirmar a nossa hipótese.

O aparecimento de outras epígrafes com igual decoração viria tornar mais provável esta hipótese» (p. 85).

Patrick Le Roux não se debruça sobre a identificação da decoração, mas não hesita em afirmar «c’est à juste titre qu’on a mis en doute le caractère de divinité de la végétation qui lui a été parfois attribué» (p. 179).

Armando Redentor, na sequência de sugestões que eu próprio (na esteira de Julián de Francisco) já veiculara,<sup>19</sup> opta por ver nessa decoração o ramo do teixo, indicando outros monumentos da zona que igualmente o apresentam (p. 227) e, ao fazer, na p. 241, a síntese das «representações fitomórficas» dos monumentos epigráficos brigantinos que estudou, acentua o carácter singular do teixo e das suas propriedades:

16 - ALVES (Francisco Manuel), *Memorias Archeologico-Historicas do Districto de Bragança*, Porto, IX, 1934.

17 - *Religiones Primitivas de Hispania*, Roma, 1962, p. 65-66.

18 - ALVES (Francisco Manuel), «Monumento inédito ao deus Aerno», *O Archeologo Portuguez* XIII 1908 184-186.

19 - Trata-se da comunicação ao III Congresso Peninsular de História Antigua (Vitoria, Julho de 1994), intitulada «O monumento epigráfico, fonte para o estudo das migrações na Península Ibérica», que foi inserida nas *Pré-Actas* (II, p. 649-653) e que incluí em *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra, 1998, 101-109.

«A sua natureza venenosa (devido à taxina que contém) e simultaneamente medicinal (por via do taxol que da taxina é possível isolar) bastaria, talvez, para que se lhe reservasse um carácter místico; mas outras características que lhe são inerentes, como a persistência das suas folhas sempre-verdes, a resistência da sua madeira ao apodrecimento e a sua extrema longevidade mostram-se suficientemente fortes para que pudesse ser eleita como meio de sugerir realidades transcendentas».<sup>20</sup>

Finalmente, refira-se a opinião de Blanca María Prósper<sup>21</sup>: depois de demonstrar que a minha proposta de aproximação com a palavra grega «érnos» não tem validade – se a tivesse, esperaríamos, antes, uma forma similar a *Ernaecus* – afirma que a possibilidade de *Aernus* ser «una divinidad del follaje y la vegetación» «descansa fundamentalmente en la iconografía de los monumentos, que muestra gran profusión de palmeras» e, em seu entender, «los argumentos iconográficos han mostrado en más de una ocasión que no son una guía aconsejable para el análisis de las divinidades indígenas» (p. 284). Por isso, através da análise linguística, Blanca María propõe para o teónimo *Aernus* uma etimologia não-céltica: trata-se, em seu entender, de um adjetivo formado a partir de um radical com o significado de «dia», «matinal», etc. e conclui: «Si aquello que aparece aquí deificado es el sol, la estrella matutina o el cielo mismo, es algo que no se puede saber con los datos de que disponemos» (p. 286).

Não diremos, pois, que a representação do teixo patente na ara a *Aernus* constitua atributo exclusivo desta divindade; o seu simbolismo tutelar não deixa, porém, de poder associar-se ao que os Zoelas ‘viam’ nas qualidades divinas de *Aernus*.

## **b - A deusa romana Fortuna, de Tongóbriga**

Exumou Lino Augusto Tavares Dias, em 1986, por ocasião das escavações na cidade identificada como *Tongobriga* (Freixo, Marco de Canaveses), uma ara votiva, de granito, «sob a derrocada das abóbadas das termas».<sup>22</sup>

Não oferece o texto nela inscrito nenhuma dificuldade de leitura nem de interpretação: o dedicante é *Val(erius) Paternus*, que a ara *ex v(oto) p(osuit)*, «colocou, por voto», à deusa Fortuna, que vem identificada como *D(ea) S(ancta)*. O modo de identificação do dedicante – sem menção de *praenomen* e com o *nomen* em abreviatura – aponta para uma datação de

20 - Quanto à referida longevidade, estima-se que o teixo possa viver até 2000 anos.

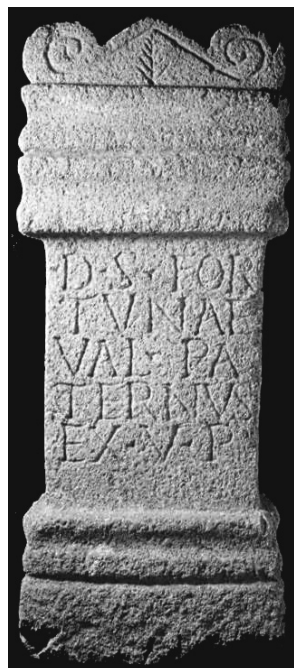
21 - PRÓSPER (Blanca María), *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca, 2002.

22 - DIAS (Lino Tavares), *Tongobriga*, Lisboa, 1997, p. 28 e estampa 1 (inserta na p. 141). O texto da epígrafe foi transcrito em: AE 1997 854; *Hispania Epigraphica* (=HEp) 7 (1997), Madrid, 2001, nº 1194. A foto do monumento ilustra o folheto que, em 1987, o Instituto Português do Património Cultural (Lisboa) editou sobre a «Área Arqueológica do Freixo», folheto que foi transcrito, inclusive com reprodução dessa foto, na revista *Arqueologia*, do Porto, 17 (Junho 1988), p. 216.



meados do século II em diante, como, aliás, se aponta no AE: «Date: vers 150-200 p. C., d'ap. les critères formels».

Na bibliografia citada, não mereceram nenhum comentário estes 'epítetos' nem, curiosamente, é feita qualquer referência ao facto de, bem no centro do frontão, estar gravada uma decoração vegetal, semelhante à que figura nas aras de Castro de Avelãs, ou seja, um ramo de teixo. Ora, se retomarmos uma ideia que, embora criticável, não parece ser de todo despicienda de que a necessidade de se acrescentar ao nome de uma divindade algo que explicita o seu carácter divino (neste, «deusa santa»), aponta para a existência implícita de uma aculturação – ou, se se preferir, uma *interpretatio*<sup>23</sup> – talvez se possa compreender melhor a inclusão aí da figuração do teixo, não na qualidade de mero ornamento estético mas com função evidentemente simbólica, de ligação a crenças pré-romanas.



Grav. 2  
Altar a Fortuna, de Tongobriga (totalidade e pormenor da decoração do capitel).



### c - As estelas de Cárquere

Tem-se discutido muito o significado da decoração das lápides de Cárquere<sup>24</sup>. A primeira referência mais sistematizada, se assim podemos exprimir-nos, deve-se a Leite de Vasconcelos,<sup>25</sup> que, ao enumerar as «insculturas simbólicas» patentes nas epígrafes funerárias romanas da Lusitânia, alude (p. 440-441) às «pedras de Cárquere [...] insculturadas nas faces laterais, representando os desenhos uma espécie de ramos ou arbustos estilizados, que terminam por vezes em forma de tridente [...], os quais, por causa da sua frequência, e quase uniformidade, serão certamente embleáticos». E, depois de os comparar aos que decoram a epígrafe, atrás citada, do Museu de Bragança, e ao duma epígrafe do Museu do Carmo (a

23 - Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), «*Interpretatio romana* - quelques questions à propos de l'acculturation religieuse en Lusitanie», *Lengua y Cultura en la Hispania Prerromana*, Salamanca, 1993, p. 281-287.

24 - É já longa a bibliografia sobre o notável conjunto de estelas funerárias procedentes deste sítio. Não vem ao caso citá-la aqui toda, pelo que tomo a liberdade de apenas indicar: DIAS (Maria Manuela Alves), «Antroponímia de Cárquere, Resende, Viseu (*Lusitania* portuguesa)», *Veleia* 2-3 1985-1986 195-203; VAZ (João Luís Inês), «Epígrafe romana de Cárquere - Mais cinco inscrições», *Revista da Universidade de Aveiro / Letras* 3 1986 285-308; DIAS (Maria Manuela Alves), «Inscrições romanas inéditas de Cárquere, Resende, na colecção epigráfica do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia», *O Arqueólogo Português* série IV 4 1986 185-202; CARON (Laurent), «Art et société d'après les stèles funéraires de Cárquere», *Conimbriga* 35 1996 69-106.

25 - VASCONCELOS (José Leite de), *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, 3, 1989 (reimp.), p. 440-441.

que se aludirá de seguida), comenta: «Não é de estranhar que nos túmulos se figurem plantas, porque elas em todos os tempos andaram ligadas com o culto dos mortos».

Manuela Alves Dias (1985-1986 195) observa que a decoração, nas faces laterais, das estelas de Cárquere, «consiste na estilização, gravada, de palmetas terminadas em ‘tridente’» – e não se debruça sobre o tema. No artigo de 1986, ao descrever uma das peças (p. 192), fala da «estilização de uma “árvore” que termina em forma de tridente».

João Vaz sintetiza (p. 288-289) a problemática relativa a esta decoração: «a presença da palma não deverá surpreender, pois sempre esteve ligada à morte, como o símbolo da permanência e da imortalidade», pois que «ainda hoje subsiste o hábito da sua representação nos monumentos funerários». Já quanto ao ‘tridente’, considera a sua presença enigmática, ainda que – se a ligação a Neptuno se lhe afigura difícil – poderá, eventualmente, pensar-se no culto a alguma divindade protectora «da gens situada em Cárquere».

Laurent Caron, por seu turno, refere-se a «palmas estilizadas» e ao «tridente» (p. 81-83) e, embora faça referência à minha interpretação como teixo, não parece aderir a ela, tanto que se interroga, mais adiante, se o ‘tridente’ não poderá ser «a forquilha, o instrumento agrícola dos defuntos».

Hoje, afigura-se-me que o problema está resolvido: estamos, também aqui, perante uma estilização do teixo.

#### **d – A estela de *Rebbilus***

Como se disse, já a Leite de Vasconcelos impressionara a representação arbórea patente, em destaque, na estela de Júlio Rebilo do Museu do Carmo.<sup>26</sup>

Trata-se de um monumento elegante (ver Grav. 3), com decoração simbólica vária, de que sobressai, vindo de baixo e seguindo eixo de simetria, um ramo de teixo, a que Manuela Alves Dias dá a designação de «uma palma (ou uma árvore)», atribuindo-lhe a simbologia de imortalidade. Desconhece-se o local exacto do microtopónimo Marco dos Frades donde a epígrafe proveio, uma vez que Leite de Vasconcelos apenas refere, vagamente, que é «da Estremadura».



Grav. 3

Altar funerário de Júlio Rebilo, do Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Carmo, Lisboa). Reprodução do desenho de Stuart Carvalhaes in *Religiões da Lusitânia*, de Leite de Vasconcelos (III, p. 420, fig. 199<sup>a</sup>).

26 - Ver DIAS (Maria Manuela Alves), «Epigrafia romana», in ARNAUD (José Morais) e FERNANDES (Carla Varela), *Construindo a Memória (As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo)*, Lisboa, 2005, p. 220-233 (neste caso, p. 223, com fotografia).

## e - Duas epígrafes de Braga

No Museu Pio XII, de Braga, há duas estelas que, neste âmbito, também me chamaram a atenção.<sup>27</sup>

Procedem ambas do Casa do Avelar, em Braga, e os editores consideram que apresentam «moldura entrançada» a orlar o campo epigráfico e que, na segunda, esse tipo de moldura formaria também um círculo dentro do qual está «uma rosácea com seis raios». Se, nesta, a defunta, cujo nome se não reconstitui, é filha de Céltico, na primeira, perpetuar-se-á, mui provavelmente, a memória de uma *Bloena*, filha de *Camalus*, de que vem mencionada a naturalidade: é *Valabricsensis*, de *Valabriga*, «um *castellum* do *conventus* de Braga», escrevem os editores (p. 196).

Uma observação atenta da referida decoração sugere, de imediato, que estamos perante os motivos que víamos nas peças anteriores e, por isso, a identificação do teixo afigura-se-nos bem plausível.

Grav. 4

As estelas de Braga, guardadas no Museu Pio XII. Foto do molde existente no Museu de Guimarães e reprodução (com a devida vénia) da fotografia apresentada pelos autores do seu estudo (Lam. X, nº 33).



## Conclusão

A observação de que se patenteia em topónimos como *Ebora*, *Eburobriga*, *Eburobrittium* uma forte relação com a palavra que, na terminologia pré-romana, significava ‘teixo’ levou-nos à interrogação: teixo? Porquê o teixo?

Fugaz relance pelo que se conhece das propriedades desta árvore levou-nos a compreender como, na actualidade e outrora, a *taxus baccata* goza de importante ‘estatuto’ na vida das comunidades.

Na época romana, tal ‘estatuto’ acabou por ficar gravado na toponímia e nos monumentos que eram, afinal, o que, no quotidiano, as gentes mais viam e maior representatividade detinham na vida da comunidade: os ex-votos a divindades e os epitáfios aos seus defuntos. E acabámos de verificar que, de Norte a Sul, na Península Ibérica, a representação estilizada do ramo de teixo – aliás, bem esguia e sedutora,



Grav. 5

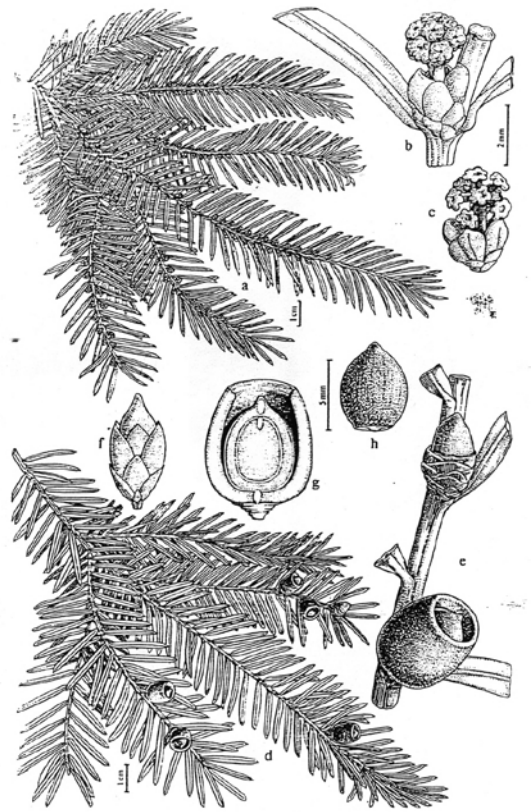
A majestade da ramagem do teixo, na Serra de Sintra.

27 - São as identificadas com os nºs 23 e 26 in: SANTOS (Luciano dos), LE ROUX (Patrick) e TRANOY (Alain), «Inscrições romanas do Museu Pio XII em Braga», *Bracara Augusta* 37 1983 183-205.

apontando para o céu, quase num desafio ou num gesto de esperança<sup>28</sup> - acaba por estar presente mais vezes do que se pensava nos monumentos epigráficos romanos, a suplicar protecção, como se de um verdadeiro totem se tratasse.

Os desenhos que logrei obter das folhas do teixo e das suas glandes são igualmente bem elucidativos e lembramos, de imediato, o que estilizadamente vem representado na referida ara funerária de *Gracilis*, do Museu Abade de Baçal, de Bragança. Se a observação da fotografia da peça na actualidade (Grav. 7) não permite já distinguir por menores, o desenho apresentado por Leite de Vasconcelos (Grav. 8) é altamente significativo, não deixando margem para quaisquer dúvidas (se as houvera).

Cheguei a pensar - dada, por exemplo, a ocorrência desta decoração nos templos pré-românicos asturianos e atendendo, ainda, ao facto de, por terras setentrionais, o teixo ser mais abundante - que tal motivo decorativo estivesse directamente ligado aos povos do Norte (Galaiços, Cântabros, Ástures). A circunstância de termos uma *Ebora* em pleno coração do *conventus Pacensis* e uma epí-



Grav. 6  
*Taxus baccata*: a) ramo com cones ♂; b-c) cone ♂; d) ramo de pé ♀ com sementes; e) rudimento seminal e semente com grainha; f) rudimento seminal; g) secção da semente e grainha; h) semente.



Grav. 7 e 8  
 Altar funerário de *Gracilis*, do Museu Abade de Baçal, de Bragança. Foto e reprodução de *Religiões da Lusitânia*, de Leite de Vasconcelos (II, p. 340, fig. 82<sup>a</sup>).

28 - Junto a fotografia (Grav. 5) que fiz, a 29 de Janeiro de 2005, na Quinta do Pé da Serra (Almoçageme, Sintra) da ramagem duma dessas árvores frondosas.

grafe na Estremadura não será, obviamente, obstáculo a essa conclusão; contudo, não me repugna pensar, ao invés, que a ‘fama’ das virtualidades desta árvore rapidamente se tivesse estendido por todo o Ocidente peninsular, sem que se possa relacioná-la especialmente com determinado “estrato étnico” (se assim nos podemos exprimir). Dir-se-á: mas o território eborense é, predominantemente, uma planície sem árvores! É, agora. Sabemos pela documentação que muita arborização havia pelo Sul alentejano, mesmo durante a I dinastia portuguesa. E como seria em tempo de Romanos? Não vamos ao ponto de afirmar que o teixo abundaria por toda a parte; mas seria, naturalmente, muito mais frequente do que na actualidade.

Assim, no final desta fugaz panorâmica, o culto a Arêncio/Arência Eburóbrigo(a) acaba por assumir maior esplendor.

E fica o desafio para, doravante, se olhar com outra perspectiva a decoração vegetalista das epígrafes. Claro que sempre se pode pensar que o lapicida apenas quis desenhar uma «árvore» e optou pelos traços que mais bonitos ali ficavam; no entanto, mesmo na actualidade, quando nos pedem para desenhar uma árvore, será que sempre a desenhamos imaginária ou, ao invés, não somos tentados a desenhar aquela que mais presente está no nosso dia-a-dia e que mais significado detém para nós?

\* Universidade de Coimbra

# Caja Duero

